

**LEVIATĂ | ESPELHOS NEGROS**

**ARNO SCHMIDT**





**ARNO SCHMIDT**

**LEVIATÃ**  
**OU**  
**O MELHOR DOS MUNDOS**

SEGUIDO DE  
**ESPELHOS NEGROS**

TRADUÇÃO DE MÁRIO GOMES

ab, smo



# PREFÁCIO

MÁRIO GOMES

Para quem não tema a deriva literária e tenha curiosidade em sentir em pleno a estranheza do primeiro contacto com a prosa de Arno Schmidt, o melhor a fazer é saltar este prefácio. Deixá-lo para mais tarde, talvez. Ou para nunca. Foi assim que eu próprio comecei a ler Schmidt. Sem prefácios, nem glossários, nem manuais de instrução. Tinha 17 anos e um professor de alemão (Herr Glienke) que vivia convencido de que um dia em que não se lessem 50 páginas de literatura era um dia perdido na vida. Foi Herr Glienke que trouxe para a escola um romance de Arno Schmidt, *Das steinerne Herz* (que se poderia traduzir como *O Coração de Pedra*). Lembro-me de abrir o livro e de ficar intrigado com aquilo (à falta de melhor, chamemos-lhe «aquilo»); de começar a ler e de perceber pouco mais que imagens difusas, fotografias desfocadas, algo com chuva e um limpa-pára-brisas. A bem dizer, não percebi muito bem de que se tratava. Mas sei que apreciei uma certa melodia, uma cadência; que me intriguei com os segredos que se adivinham debaixo daquela crosta de metáforas e vocabulário ininteligível. Gostei daquele texto como se gosta de poesia dadaísta ou de música instrumental. Só mais tarde, à medida que ia avançando no *Coração de Pedra*, fui entendendo os mecanismos daquela escrita que não tardou em tornar-se um vício. Acabei por ler praticamente a obra completa de Schmidt. Ou pelo menos uma grande parte. Não li *Zettel's Traum*, é certo, uma espécie de palimpsesto megalómano de mais de 1300 páginas

A3 mecanografiadas, publicado pela editora Stahlberg em 1970. Mas lembro-me perfeitamente da primeira vez que tive em mãos uma edição fac-similada de *Zettel's Traum*, na biblioteca do Instituto de Germânicas da Universidade de Bona; o livro mal cabia em cima da mesa.

Depois andei muitos anos desligado de Schmidt. Até que em 2015 se deu um reencontro, muito por força do acaso e graças a dois amigos (um psiquiatra de Coimbra e uma artista de Lisboa) que, depois de uma noite mal dormida, conseguiram arrastar-me até à Academia das Belas-Artes de Berlim. A intenção era ver uma exposição dedicada a Vilém Flusser que, afinal, estava repleta de obras de Nam June Paik e da qual acabámos por ver muito pouco. Em vez disso, passámos várias horas na sala ao lado, onde havia uma exposição comemorativa (com um ano de atraso) do centenário do nascimento de Arno Schmidt: uma sala repleta de material de espólio: fichas de escrita, manuscritos, postais, lousas, mas também roupa, latas de conserva, frascos de compota caseira, todo o tipo de tralha resgatada da casa em que Arno Schmidt viveu grande parte da sua vida, na Charneca de Lüneburg, rodeado de gatos e na companhia da sua mulher, Alice, que conhecera em meados dos anos 30, quando ambos trabalhavam numa fábrica de têxteis da empresa Greiff.

Depois deste reencontro fortuito, fiquei com curiosidade em saber se entretanto já haveria algum texto de Arno Schmidt traduzido para português. Pesquisei em tudo quanto é catálogo. Nada. Nem em Portugal, nem no Brasil, nem nalgum cantinho esconso da Internet dedicado à pirataria e ao tráfico de literatura. Nada. Nem sequer um conto ou um poema que fosse (porque Schmidt também chegou a escrever poesia). Não havia nada. E assim ficou até que João Paulo Cotrim, editor da Abysmo, deci-

diu confiar-me a tarefa (e a responsabilidade) de traduzir um autor tantas vezes maldito, tantas vezes etiquetado de intraduzível.

Para se perceber a radicalidade da escrita de Schmidt, não é necessário saber ler alemão. Aliás, não é necessário saber ler de todo. Basta ver a mancha gráfica de uma qualquer página aberta ao acaso para se intuir a singularidade. Adivinha-se o laboratório literário, salta à vista o trabalho de pesquisa formal. Entrar na escrita daquele que Ernst Jünger apelidava de «Diderot da Baixa-Saxónia» não costuma ser fácil. A linguagem é densa, extravagante, ostensivamente hermética; é uma literatura idiolectal, fechada sobre si mesma. Ao abrir o livro há como que uma cortina de nevoeiro que paira sobre o texto. Nada é claro. Entre o arranjo gráfico, os itálicos, a pontuação, as metáforas obscuras, as amálgamas de palavras e significados, não se tarda muito em perder o norte. A primeira ilação que se tira a limpo é que a orientação neste sistema narrativo requer tempo e paciência. Lê-se aos apalpões. Vai-se descortinando o funcionamento como num jogo em que se entrou sem conhecimento prévio das regras. Vai-se lendo e deduzindo à medida que se avança, e avançar neste caso equivale a tropeçar. Ainda assim, a pouco e pouco, as regras tomam contornos mais nítidos, as idiossincrasias vão-se cristalizando em padrões, e os padrões vão-se repetindo. Aprende-se a lidar com o emaranhado de referências e de citações em latim, em inglês, em línguas aparentemente escandinavas; desiste-se de contabilizar o número desmesurado de metáforas lunares.

A escolha para esta primeira edição portuguesa recaiu sobre duas das primeiras publicações de Schmidt: *Leviatã*,

de 1949, e *Espelhos Negros*, de 1951, duas obras já por diversas vezes publicadas em conjunto, quer em alemão, quer em traduções. Além das afinidades entre os textos, há também um certo benefício didáctico em reuni-los num volume, já que *Leviatã*, ainda bastante próximo duma escrita que se poderia apelar de convencional, se presta na perfeição como texto introdutório à escrita de Schmidt: uma espécie de exercício de aquecimento para *Espelhos Negros*, onde o texto surge já organizado na característica malha gráfica que Schmidt apelidava de «*Raster*» («gre-lha», «matriz»), formato que manteria em grande parte da sua obra. Na matriz ideada por Schmidt, cada fragmento (regra geral, um parágrafo) abre com um tema em itálico que depois é desenvolvido. Com este processo de montagem, Schmidt pretendia inculcar à narrativa o carácter fragmentário do pensamento e da memória que não se organizam linearmente, mas antes se assemelham a uma colecção de imagens avulsas. Explicado nas palavras do fotógrafo amador Arno Schmidt:

*A minha vida?!*: não é um contínuo! (não apenas estilhaçada pelo dia e pela noite em pedaços brancos e negros! Porque até durante o dia é um outro aquele que vai apanhar o comboio; que está sentado na repartição; livreia; caminha de andas por bosques; copula; tagarela; escreve; pensador de mil coisas; de gavetas a desfazerem-se; que corre; fuma; excrementa; rádio-escuta; o «Herr Landrat» diz: that's me!): uma bandeja repleta de snapshots resplandecentes.

Se, em *Espelhos Negros*, são nitidamente os *snapshots* que regem o formato do texto, em *Leviatã*, o método encontra-se ainda em fase de experimentação. Trata-se de

uma narrativa sensivelmente mais fluida, pautada por uma acção com forte carga alegórica e laivos de estudo social. A narração abre com um fragmento em inglês, uma carta assinada por um soldado (por sinal, norte-americano) em que, em linhas grosseiras, se constata mais do que relata a destruição de Berlim na fase derradeira da Segunda Guerra Mundial. Deste fragmento epistolar, a acção salta para a Silésia, onde se desenvolve a trama propriamente dita. Nos arredores da cidade de Lauban (Lubań, hoje território polaco), um grupo de civis e soldados, juntados pelo acaso e pela miséria, empreende a fuga dos bombardeamentos soviéticos num comboio abandonado que conseguem pôr em marcha. Colado à retaguarda da composição arrastam um «arrebenta-travessas» carregado de ferrugem e de simbolismo que, à medida que o comboio avança, deixa as vias inutilizáveis. Enquanto no interior do vagão se fazem contas à vida e às aflições da guerra, o narrador, um furriel desiludido com a Alemanha nazi e com o ser humano, apregoa a sua cosmovisão neognóstica na qual Leviaatã, a força do mal, ocupa o lugar de Deus.

Já *Espelhos Negros* apresenta-se como o diário daquele que parece ser o único sobrevivente da Terceira Guerra Mundial, num registo que oscila entre distopia e idílio pós-nuclear. Se se trata ou não do mesmo narrador de *Leviaatã*, nunca fica inteiramente esclarecido, nem é, aliás, questão de relevo. Certo é que, uma vez mais, Schmidt delega a narração num *alter ego* seu: um narrador que tanto tem de sonhador romântico como de racionalista inveterado; um indivíduo desiludido com o ser humano, por este teimar em usar a razão para aperfeiçoar a maquinaria da guerra e dos horrores em vez de concentrar os seus esforços na ciência, no saber e na paz.

O último homem à face da terra representa a versão mais radical do eremita Schmidt, um solitário pouco dado a amizades que, após a Segunda Guerra Mundial, em que fora destacado para a Noruega, voltou as costas ao mundo e se dedicou quase por inteiro aos livros. Os retratos fotográficos que dele existem mostram-no invariavelmente com um ar sisudo, distante, os cantos da boca dobrados pela amargura ou pelo ressentimento (não me lembro duma única fotografia em que apareça a sorrir). O Arno Schmidt dos retratos é um homem orgulhosamente austero, cliché de escritor pobre, sem pejo em ostentar a sua miséria de literato. Quando, em Janeiro de 1951, recebe das mãos de Alfred Döblin o Grande Prémio Literário da Academia das Ciências e da Literatura de Mogúncia pelo seu *Leviatã*, Schmidt – assim o relata Werner Helwig, premiado *ex aequo* –, surpreende os presentes com a sua indumentária de mendigo, sem camisa debaixo do seu casaco grosseiro, sem meias, sem compostura; uma figura inquietante, sacudida por constantes arrepios, de olhar pétreo, distante, os olhos esbugalhados por detrás das lentes dos óculos de armação grossa. Quem conheça a biografia de Schmidt, sabe que estes trejeitos de escritor pobre têm tanto de excêntrico como de honesto. Schmidt, como é sabido, sempre foi homem de poucos luxos, e a entrevista concedida ao semanário *Der Spiegel*, em 1952, é elucidativa ao respeito. Nela, Schmidt afirma que, para realizar todos os seus projectos de escrita, necessitaria apenas de 100 marcos de rendimento mensal, a isenção do serviço militar, as obras completas de Johann Gottfried Schnabel e uma cabana na Patagónia. Ironia à parte, este ideal de vida espartana e solitária é um sinal de marca de Schmidt, para quem «um bom escritor não pode ter amigos, nem pátria, nem religião», três factores que, no seu entender,

distorcem a visão do mundo e impedem o escritor de se manter fiel ao seu compromisso de «objectividade»; porque «se algo existe que se possa exigir de um escritor, é que ele seja uma espécie de espelho do mundo e represente o mais fielmente possível os seus tempos».

O modelo de espelho que melhor corresponde a esta reivindicação não será certamente um espelho límpido e liso, mas antes um espelho turvo e côncavo: um «espelho negro», precisamente. Também conhecido por «espelho de Claude», assim denominado em honra ao pintor francês Claude Gellée (aliás Claude Lorrain ou Cláudio de Lorena), o «espelho negro» era um instrumento óptico muito em voga entre os pintores paisagistas do século XVIII. O dispositivo, comumente guardado num estojo de mão, permitia enquadrar uma paisagem, alterando o contraste e a luminosidade, imergindo a imagem numa luz irreal, vagamente mágica. Se, por um lado, o espelho negro oferecia um recorte da realidade, por outro lado, também a distorcia e alterava.

Algo de semelhante sucede com o escritor-espelho Arno Schmidt, cuja escrita é marcada por uma constante tensão entre objectividade e subjectividade, realismo e poeticidade. Nas suas obras, fórmulas matemáticas e terminologia científica convivem com uma panóplia de metáforas, uma paleta de cores saturadas, uma inflação de adjectivos e advérbios, cultivada como que de propósito para contrariar Jorge Luis Borges, que aconselhava a reduzir os adjectivos ao máximo, pelos juízos de valor e pela carga subjectiva que transportam. Schmidt, por sua vez, faz dos adjectivos e advérbios instrumentos de precisão e ferramentas de encriptação poética, com as quais forja o grande paradoxo da sua escrita: Quanto menos evidente for a metáfora, quanto mais difusa a imagem, maior o potencial

de objectividade, maior a nitidez. É neste balanço entre racionalismo feroz e romantismo fervoroso que Schmidt constrói a sua obra, sem nunca incorrer no sacrifício de uma das partes; sem nunca reduzir o que é díspar a uma síntese que não seja a síntese turva e distorcida que oferece um espelho negro. Assim, nos seus romances, contos e ensaios, a lógica de contabilista convive com o sentimentalismo lírico, último reduto concedido pelo iluminista Schmidt à irracionalidade. Desta suspensão resulta uma obra pautada por grelhas, números, signos de pontuação; regida por uma densidade lírica e subjectiva; uma obra ímpar; um invulgar exercício de equilíbrio literário.

BERLIM, AGOSTO DE 2017

**LEVIATÃ**  
**OU**  
**O MELHOR DOS MUNDOS**



Berlin  
20 th May 45

BETTY DEAR!

I'm quite in a hurry (but thinking always of You and the kids, of course). – The town is fearfully smashed, rather like a bad dream; well: They asked for it and they got it. – The Russians look a good jolly sort and are amiable to deal with. We all expect them to join now against the damned Japs, and that'll settle that too, I'm sure. Hope to see You again quite soon.

JONNY

The watches and bracelets – well, stow them away; I had to throw them into the box absolutely at random, hope they'll not be badly damaged. The German insignia and MSS I got from a Russian Lcpl for a souvenir (gave to him some cigarettes in return). – 1000 kisses. –

J.

14/2/45

A cabeça palpita como uma bocarra de sino inchada – oh –. Tenho de encher a boca de ar e dilatá-la. – Oh! –.

*Mais tarde*

No capacete de aço há apenas uma amolgadura rasa; deve ter sido uma bala vinda de ricochete do lado dos carris. Mas consigo pensar novamente e mexer-me. – A cidade inteira (incluindo a área da estação, aqui) continua debaixo de fogo; sádico: um para aqui, para ali vão logo cinco, e volta atrás. A neve está toda suja do pó das ruínas. Tiroteia com maior intensidade a leste e a norte (lá para Kreuzberg e Kerzdorf), onde prossegue, incessante, a luta da infantaria. Só já tenho a minha pistola (n) 11,25 mm; carregada, e na bolsa umas quantas balas avulsas. – Em dias como este é impossível calcular o tempo; tudo é dum

cinzento-claro constante, as vedações negras. (São 14,16.) A ver mas é se escapo daqui; tenho ordem de marcha para Ratzeburg. – É de loucos, ver a rua da estação neste estado; conhecendo cada esquina; tendo por cá passado diariamente; no Inverno gélido de 28/29, na Primavera celeste e fria, no verde estival entre castanheiros quentes, muitas vezes surge-me em sonhos o balneário do rio Queis com o seu rumorejo outonal. Haveria que ver se é possível arranjar uma locomotiva algures, os carris estão praticamente intactos (é assim que uma pessoa agora se perde em divagações; nem sequer sei conduzir uma. Em vez de agir).

*15,00*

Ali mesmo à frente estavam três vagões de mercadorias; um deles com gravilha, seguido de um vagão de carga fechado e, na retaguarda, um veículo especial (um aparelho de aço grosso como um homem; só o vi de relance). No vagão de bagagem já havia desesperados de sobra; disseram que a cidade tinha sido evacuada anteontem à noite, 22,00 h. E que ainda pensavam... Dois soldados (um deles com uma venda ensanguentada na cabeça); uma brasinha atrevida que arregala os olhos; um pastor protestante com a família.

*15,10*

(Atrás do veículo especial): Reconheci-a logo! (Primeiro vi apenas uma mulher avelhada e magra, a mãe dela.) Trazia um casaco de peles largo e castanho, atigrado a preto. Até que se virou. Voltou a franzir a sobrancelha esquerda, surpreendida e friamente trocista, e esticou o queixo; depois lançou uma enorme mala para o vagão. (Quatro projecteis embateram ao mesmo tempo na unidade de manutenção; um deles tão perto que ficámos a cambalear na onda de choque antes de podermos lançar-nos ao chão. Jactos de fumo jorraram do cascalho, altos como casas; estilhaços de pedra e metal surgiram no ar. O cabelo escuro dela coberto de neve.) Ao fundo,

dois homens saltaram, encolhidos, para fora dos pavilhões gretados, tombaram, olharam à volta, agachados, rastejaram na nossa direcção pelos carris. A julgar pelos fatos-macaco de linho azul, devem ser serralheiros («milhões vestem Greiff», 232/3/11, muito bem!) Interpelei-os logo: «Têm alguma máquina disponível? Sabem conduzir? →» Ofegantes, acenaram que não. Lá dentro havia umas quantas! Mas muitas delas tinham sido destruídas pela aviação. Também conduziam, sim (um até era serralheiro de locomotivas). Mas já não havia nem água nem carvão. Ela aproximou-se de passo arrastado e mãos nos bolsos. Com um girar de ombros e cabeça indicou a direcção oposta, do outro lado da rua: «Carvão há ali.» Negociámos durante algum tempo com os mecânicos, meio desorientados, mas, no fim de contas, era mas é pôr mãos à obra; nós, os homens, acarretámos sacos de carvão. —

O crepúsculo vagaroso. Carregar. A escuridão entra a sussurrar, como um pintor que, hesitante, mistura uma cor nocturna. Carregar. Amarelo poeirento. Carregar. Vermelho-fumaça. Carregar. Pela janela duma ruína assomou, gorda, a primeira estrela; corpulenta, de um amarelo insolente, como um banqueiro. Carregar. O céu clareava, a prometer frio.

*Depois das 18,00*

Já é noite; mas a cidade de cobre arde por todas as partes (há pouco, lá ao longe, desabou a igreja católica). Cada um de nós há-de ter arquejado umas trinta vezes para lá e para cá (e as rajadas de metralhadora a varrerem os telhados); juntaram-se mais uns poucos, três velhotes e dois jovens com uniformes da Juventude Hitleriana (que no início se recusaram a ajudar-nos «a fugir», obviamente). Assim por alto, devemos ter uns 100 quintais no tênder. Um dos homens já vai atiçando o fogo; se conseguirmos chegar

ao guindaste da água, isto até é capaz de funcionar. As mulheres e crianças foram buscar palha velha, de cavalos, a um vagão de animais; fede que tolhe e deve estar cheia de pulgas. Estou deitado na parte da frente, no canto, a meu lado Anne Wolf; Anne Wolf. Já se pôs a comandar dentro do carro e, portanto, deve ter sido ela que mandou fazer isto. A cidade estrondeia e estremece.

*20,00*

Fui de novo lá à frente; de uma cara a ferver sobre a chapa de metal negro ressaltou uma voz pequenina: «Mais meia hora!»; as válvulas batiam. – Fui ao edifício da estação dar uma enxaguadela às mãos e aos olhos; ainda corria água. Os copos cintilavam no escuro, as mesas derrubadas, partidas. Salas de espera: Quanto tempo não passei eu nelas, sentado ou em pé, em Lauban, Görlitz, Greiffenberg, fitando as multidões que passavam; nos bancos a gente tagarelava, comia, partia; eu registava o mundo todo: as lâmpadas suaves, as bebidas coloridas, o vermelho e dourado vivo dos maços de Salem; a luz enevoada nos cais de embarque; janelas de comboio iluminadas que se dissolviam na noite como pérolas. –

Seja como for, há aqui uma corrente danada; toca a sair.

*No vagão*

Bem vistas as coisas, é uma loucura querermos partir; é possível que 500 metros mais adiante a via esteja rebentada. – À minha frente estão deitados os outros dois soldados, a rapariga entre eles (tipo costureira da pior laia); um homem de setenta e poucos com um fato dos correios (aos 108 anos de idade a dar na bigorna *e ainda* doa os vencimentos todos à Comissão de Socorro de Inverno! é assim que costuma vir nos jornais, não é?); junto a ele, o pastor e a esposa entre sete crianças (sete; pois, se não é ele a ter fé em Deus, quem terá? Dois deles têm de se deitar colados à

porta). Do meu lado encontram-se Anne, a mãe dela, duas alunas adolescentes; seguidas dos dois heróis da Juventude Hitleriana com meia dúzia de lança-granadas (que usam como almofadas, armados em campeões, enquanto fumam ao desleixo; muito bonito; mas pronto, a juventude é o nosso futuro, n'est ce pas?). Há ainda dois velhotes e uma anciã (camponesa com certeza; daquele canto ouve-se constantemente falar da «terra pura» – com o «u» horrivelmente alongado dos silesianos: «Nãã, a terra pura, pura!» Extra Silesiam non est vita).

### *Antes*

Após uma série de manobras, a locomotiva aproximou-se lentamente; eles a engatar e a praguejar. Tentámos em vão desatrelar o último carro, colado pela ferrugem; o maquinista a gritar: «Vejam lá mas é se conseguem desengatar o arrebenta-travessas! →» Ora pois, um arrebenta-travessas! Em Trondheim vi-o no cinejornal; «em plena acção» no Leste. A ideia é bastante simples: ao último vagão atrela-se um arado de aço, «moldado conformemente à sua finalidade», de várias toneladas de peso, que se engancha nas travessas de madeira e as vai rompendo, uma a uma, à medida que a composição avança. Funciona lindamente, conforme a velocidade a que ande o comboio. Quando o vi, estavam uns soldaditos sentados em cima, de riso forçado («Acabam de ser filmados»), em vez de mostrarem as caras distorcidas pelo horror! Tive de agarrar-me à poltrona do cinema, de olhos esbugalhados; pensei em Cervantes, em Mozart e no Major Fouqué (chiça, mas será possível: «Major» e «Undine», «Alethes!»). Kant limitou-se a demonstrar que as provas da existência de um Deus «bom» eram piadas mal contadas; mas hoje estamos em condições de apresentar uns quantos argumentos contra: o arrebenta-travessas é um bom exemplo (com certeza; tam-

bém os comandantes de Oeveraas, 21.<sup>a</sup>/976, esses porcos, a começar pelo Zeller; excepto Dittmann e Georg). – Agora encontra-se elevado, preso por uma corrente grossa, em cima da plataforma do vagão. Voltei a entrar; Anne farfalhava num papel.

*21,07*

Finalmente: um rodar suave fez-se sentir debaixo de nós: estávamos em andamento. Devagarinho.

*Mais tarde*

Lá à frente afinal parece não estar tudo em ordem; logo a seguir às três passagens aéreas, voltámos a ficar parados. A porta do meu lado não fecha bem e a corrente fria é quase impossível de aguentar (tentámos forçá-la; mas não dá. Lá para trás arde por todo o lado). Há pouco consegui distinguir a corcunda do monte Steinberg e a avenida em direcção a Hohwald. Do cantinho dos soldados, em frente, soavam risadas e, por duas vezes, gritinhos insolentes; até o ferido ia atirando piadas, frouxo mas excitado. O padre pedia força e louvava a infinita bondade do Senhor, reforçado em eco pela esposa e pelos filhos; terrível. A senhora de idade e os dois velhos de barba mal feita rogavam pragas «ao Hitler»; e também ao «Hitler, esse malditu desgraçadu!» (o «u» desta feita mais curto e acentuado). Um safanão medonho; chispalhada de seda vermelha a passar de razia; depois voltámos a andar uns quantos minutos.

*Quase meia-noite*

Continuamos parados (provavelmente já para lá do hospital). Passei pelas brasas durante uma meia hora, acordei a tremer enregelado. As crianças ganiam de frio, apertadas para fazerem as necessidades. Sugeriu-se que saíssem todos ao mesmo tempo, para que depois a porta ficasse fechada o máximo possível. Bon.

## *Lá fora*

Varas finas e altas estremecem ao vento que passa a suspirar sobre a neve amolecida; um pinheiro dobra-se regularmente para lá e para cá como uma mola; a gente esgueirou-se pela porta e acorrou-se atrás de arbustos. Vi as estrelas, minúsculas caras flamejantes, brancas como a cal e azuis claras; Ursa majoris e a menor; lá pelo meio, o Dragão. Os véus luminosos no horizonte rugiam sem trégua. Também Anne surgiu lenta e de anca alta por detrás do seu arbusto. O antigo funcionário dos correios chegou-se a mim, cordial: «Também é amigo das estrelas, senhor furriel?» Com um gesto da cabeça indicou a fogueirada lá atrás: «Ainda bem que ainda existe o infinito –.» Um rosto descarnado, razoavelmente digno. Mas a outra escutava. Virei-me devagar (oh, impressionante!); disse disperso: «Aí é que se engana; nem sequer o infinito existe. – Feliz do Homero –.» Surpreendido e sarcástico, arranhou a nuca, à luz da noite: «Kant. Schopenhauer», indicou, sereno, o rumo, «como é que você concebe isso: que haja um sítio onde o espaço acaba?» Até o padre cedeu ao fascínio pelo céu estrelado: «Deus», afirmou, «é infinito –.» Nunca discuto com beatos, e também desta feita disse, voltado para o nosso comboio especial: «Você também está enganado; antes havia um demónio de carácter essencialmente maligno, diabólico, mas também ele deixou de existir.» Objectou exaltado: «Isso são blasfémias! –» Vento. A Juventude Hitleriana acendeu um fósforo. Uma estrela cadente muito ténue traçou uma pestana prateada sobre Betelgeuse (uma vez, por volta de 1922, o meu pai embebedou-se à custa desse nome irado, «Betelgeuse, o sol gigante», artigo publicado no Fremdenblatt). Anne dirigiu-se a mim: «Ajude-me lá a subir, se faz favor», disse; e assim foi. Vós, olhos felizes. Subimos

todos. O velhote perguntou com desprezo, do meio da escuridão: «Ora – diga lá como é que você explica isso: essa história do –» com ênfase: «espaço não-infinito?» Anne girou a cara para mim (apenas se via uma mancha pálida) e eu disse:

«Ilimitado; mas não infinito. A superfície de uma esfera: também é ilimitada, mas não é infinita. Só somos capazes de conceber objectos tridimensionais (em virtude da nossa estrutura cerebral), mas veja se consegue seguir a minha explicação da bidimensionalidade. Um tampo de mesa (infinito), com dois triângulos de cartão de tamanho idêntico em cima: os triângulos pensadores. Estes seres apenas conseguem deslocar-se no seu espaço passando um em redor do outro; caso queiram, por exemplo, provar a sua congruência, terão de medir os ângulos e os lados e tirar conclusões trigonométricas; nós, para demonstrá-lo, podemos trazer um dos dois triângulos para o nosso espaço, que tem mais uma dimensão, e colocá-lo sobre o triângulo-irmão. – Destas figuras derivámos, entre outras coisas, os seguintes teoremas: Uma linha recta é a ligação mais curta entre dois pontos, por um ponto exterior a essa linha passa uma só paralela; do axioma das paralelas resulta que a soma dos ângulos num triângulo perfaz 180 graus.» – Nesse instante, a rameira soltou um grito altamente impudico e disse: «Agora não!» – Prossegui: «Um triângulo sábio examinou uma superfície esférica curvada em si, igualmente bidimensional, e descobriu que neste caso as rectas (isto é, as linhas de menor distância) se tornariam círculos máximos, deixando, desta forma, de haver paralelas e excedendo a soma dos ângulos os 180 graus. Um outro descobriu que numa pseudo-esfera, aplicando os mesmos princípios, haveria infinitas paralelas (exemplificado pelo círculo-limite de Beltrami), sendo a soma

dos ângulos inferior a 180 graus. – Qual destes 3 possíveis espaços bidimensionais é agora o «verdadeiro»; qual das geometrias é válida? (E agora aplique estas ideias a todos os espaços n-dimensionais).»

Tacões roçavam ritmicamente o chão: «Quem toca piano tem sorte coas mulheres...»; a juventude reencontrava-se na poesia; «... pois o som do piano tocado...» (Va lá Deus saber! «piano tocado»; estamos feitos!). O velho perguntou, meio inseguro: «Ainda não entendo tudo – mas qual é que é, então –?» Expliquei: «Uma medição do triângulo poderia resolver tudo (em teoria); mas, sendo o espaço a que temos acesso tão reduzido, este método deixa de ser viável. Mas, por exemplo, da aplicação do princípio de Doppler (a medição de velocidades radiais através da deslocação das linhas no espectro) resultou que a velocidade dos corpos celestes aumenta à medida que se afastam de nós, até ao limiar da velocidade da luz; um nexo, à primeira vista, sem razão aparente. Mas agora, se você imaginar – voltando às 2 dimensões – um plano tangencial junto a uma esfera e, projectados sobre este plano, os pontos luminosos que se movem de forma praticamente regular sobre a superfície da esfera, então obterá algo de semelhante. Existem ainda outras razões de peso. A conclusão é: o nosso cérebro projecta de forma simplificada (biologicamente é suficiente) um espaço de 3 dimensões, euclidiano, vagamente infinito, quer dizer: um pedacinho de «plano tangencial»; na realidade, este encontra-se curvado sobre si mesmo num espaço quadridimensional (recorde-se da superfície da esfera no exemplo a 2 dimensões); portanto, com um diâmetro finito e expressável em números. Ilimitado mas não infinito. →»

O vento grunhia pela fenda como um bicho assanhado, remexendo a palha. A mãe perguntou a meia voz: «Quando

é que o Alfred escreveu pela última vez?» Ela respondeu, serena: «Se fosse por mim, divorciava-me —». Senti um safanão, ela tinha-se casado (claro; eu antes nem me atrevia a falar com ela; só a via passar; antes). O velho respondeu, a tremer: «Quer isto dizer que Schopenhauer, neste aspecto, afinal não tinha razão — e eu que pensava que...»; murmurou e reflectiu. Anne perguntou, mascando (sempre tricky, ó tu!) «É capaz de indicar um número?» — «Para o diâmetro?» — Expliquei: «Varia. Este espaço palpita.» Um solavanco sacudiu o carro, fazendo deslizar a porta; voltámos a fechá-la e deitámo-nos. Um dos filhos de Deus começou a cantar com voz de vidro, estranhamente aguda e febril; quem sabe há quanto tempo não andariam já nas caravanas de refugiados. E aquele criminoso em Berlim a atizar o povo inteiro para a morte e o horror, aspirando a ser cada vez «maior» e «mais único», um híbrido entre Nero e Savonarola; só é pena que acabe por escapar à justiça do povo desiludido, mais covarde que qualquer um dos seus soldados. Mas chega de pensar nele. — É levantar o colarinho do sobretudo e pôr as orelheiras; está um frio de cão.

#### *Ainda às escuras*

Dormi pouco; mas pensei em tudo e mais alguma coisa. Lembrei-me de Cooper (e, portanto, também da floresta, de «Hochwald»). «— há algo de estranho e defensivo na joalheria e nos vestidos de festa das mulheres —»; virei-me para o meu lado direito e sussurrei com leveza de vento nocturno a um ouvido: muitas recordações. Sol, vento. Os serões amarelos, na superfície vítrea do rio formavam-se conversetas e risos. Lilases à chuva. Rapazes de joelhos a berrarem junto ao lago verdeoso. A noite instalava-se nas abóbadas dos salgueiros, por detrás das ramagens. Ela respirava regularmente e despreocupada; adormecida. Porque

não, aliás. Não se tinha já transformado tudo num conto? E não havia também naquele então larvas gordas de morte espriadas pelas folhas dos lilases; e os rapazes que baliam enquanto chicoteavam a água até espumar? Não teria eu, já nessa altura, a alma atormentada e não seria já a existência algo que mais valeria que não fosse? Se ao menos tivesse podido dormir. Grande parte da culpa também recaía sobre Nietzsche, o idólatra do poder; na verdade, foi ele que ensinou os truques aos nazis («Hás-de amar a guerra mais que a paz...»), esse patife de focinho loquaz; ele é que é o pai desses soldados de profissão brekerianos que, quando lhes tiram o calhau e o porrete das mãos, morrem à fome, porque «simplesmente não aprenderam mais nada». Ele e Platão foram dois grandes parasitas (para além de ignorantes: veja-se nas ciências da natureza). Oh, o oiro matinal e vespertino no Aristipo. E a barba começava a picar; parecia que o corpo aquecia quando se contraíam os músculos, violentamente, todos de uma vez, o mais que se podia; o sangue começava a circular, mas era extenuante. Bocejar. Os três quartos de noite estavam cheios de fedor; uma aguardente seria o ideal, nem que fosse da mais rasca, por mim, mas tóxica ao máximo. Ou será que já estava a clarear?

*8,00*

Lá à frente houve um assobio (para chamar a atenção, só se for; o que não faz o hábito!); depois, lentamente, a máquina avançou, expelindo vapor, cada vez mais depressa, e daí a nada andávamos de novo aos solavancos. Desta vez até por bastante tempo. Naturalmente, acordou tudo, e olharam à volta com as caras murchas e cinzentas (Sim, sim; nada de medo; continuamos na mesma miséria). A criança doente florescia perigosamente como uma rosa. Aí: mais lento. Fim. Ora pois.

9,30

Com mil diabos, foi por um triz. –

Ficámos parados algures nas imediações de Nikolausdorf, entre taludes altos, pejados de pinheiros. A maioria desceu; eu avancei até à locomotiva: não conseguiam obter a pressão necessária com aquele carvão molhado e chocho; poderia demorar horas até que voltássemos a andar. Mas eles trabalhavam, incansáveis. –

Subi pela vertente mais a sul, pelo dia rasteiro e cinzento adentro (ainda com nuvens espalhadas uniformemente, se bem que bastante mais frio). A norte, não muito longe de nós, neve terrosa salpicava com os impactos de artilharia ligeira. Gritei ao fogueiro: que parasse de expelir vapor o tempo todo, mas ele apenas encolheu os ombros. Num ápice, os jorros de lama aproximaram-se; passaram por cima de nós, voltaram atrás; um assobio de mil velhacos a cortar os ares. Aterrorizado, berrei a todos que se juntassem (quanta lentidão), e os russos a afinarem a pontaria sobre o comboio. Gritei-lhes que se desviassem para os lados e que deixassem de cruzar para cá e para lá por debaixo da linha de fogo. Anne veio logo a correr para junto de mim (afável e desportiva como em tempos idos), lançando-se de bruços na gravilha. Também os soldados vieram a rastejar, a mãe dela, o velhote. Pontos negros saíram a deslizar duma mata – tanques! – e, de repente, havia um piar fino e animado de passarinhos sobre nós; empurrei a cabeça dela para baixo e berrei para o cura que vinha cambaleando lentamente: «Chão!» 100 metros à nossa direita, onde o diabo do fogareiro continuava a fumegar, saltaram duas labaredas vermelhas e negras, grandes como um homem, das copas dos pinheiros; e mais uma vez: «Uiii – Uá!!» E outra. Ferro a ranger lá em baixo no carreiro; cargas pesadas. Perguntei ofegante: «Ainda se recorda – Görlitz. A frescura da

estação de comboios. Nas manhãs de Verão. → Ela acenou indiferente, e eu arrastei-me até a um arbusto e levantei o olhar por cima da armação dos óculos. It cracked and growled and roared and howled. Mas não só nós; também os tanques pareciam encontrar-se debaixo de fogo intenso (Anne tinha-se chegado até junto a mim e o seu perfil de Marlene Dietrich enfeitiçou-me de novo para a felicidade da servidão). Ainda espetaram uma rajada de metralhadora histórica nos troncos das árvores, depois deram meia volta e rastejaram como larvas pelo bosquezito adentro. Corremos logo de volta, encolhidos, pela vertente: o chão tingido de encarnado; encarnado, ai. Um dos camponeses velhos estava sentado, zozzo, sustendo o braço que pingava e bamboleava. E uma das crianças tinha ficado praticamente desfeita por dois estilhaços enormes, o pescoço, os ombros, tudo. A mãe sustinha-lhe a cabeça e fitava, espantada, a poça gorda e carmin. O miúdo doente comia neve velha, esfomeado e sedento; dei-lhe umas palmadas para lhe aquecer as mãos; não havia nada a fazer, eu próprio não tinha comida. O velho carimba-selos quase que vomitava: «Mas será possível →» sussurrou, tragando saliva. O padre consolou a mulher em pranto; disse: «O Senhor o deu; o Senhor o levou →» e, o diabo que o leve, o cobarde do bizantino ainda acrescentou: «Louvado seja o nome do Senhor!» (E olhou, cheio de orgulho, para nós, hereges perdidos, o sem-vergonha da alma de laçao! – A criança inocente – Essa cantilena de há 2000 anos, do pecado original, pode-a recitar a quem já não tenha o juízo todo: Será que a essas pessoas nunca lhes terá ocorrido que talvez fosse Deus o culpado? Será que nunca ouviram falar de Kant e de Schopenhauer, de Gauß e de Riemann, Darwin, Goethe, Wieland? Ou simplesmente não percebem e continuam a ruminar, ditosas que nem vacas, a mesma couve,

através dos séculos? É precisamente esse o espírito que vê no desvio de um curso de água um voto de censura contra Deus e que rejeita qualquer intervenção na Sua criação. Uma vez ouvi um teólogo sentenciar a propósito do apêndice: «Se não servisse para nada, não estaria no sítio em que está!» – Whatever is, is right: O mesmo se aplicaria à paralisia infantil, a infestações de traças, Sphaerularia bombi Dufour e Herms Niel; pelos vistos, os acólitos cegos andam sempre fardados de negro. – Cambada).

*11,00*

Cavou a vala com as mãos, que ia admirando, vaidoso e devoto. Vi como ia pondo de lado lembranças preciosas: como soaria a voz dele, abalada pelo luto mais amargo, o dia em que finalmente surgisse a oportunidade de relatar – : –«com as minhas próprias mãos...» Macaco. –

*Meio-dia*

Tinha posto o saco do pão a tiracolo (caso tivéssemos de abandonar o vagão), encostado a um pinheiro negro e molhado. Alguns do grupo também estavam lá espedados. Anne tinha um cigarro no canto da boca; de repente perguntou: «Mas porque é que o seu espaço palpita –?» e o velho chegou-se até nós. Eu estava exausto; franzi a testa, descortês, mas acabei por dizer, com esforço: «No espaço finito, a matéria está espalhada austeramente; a sua homogeneidade foi provada através de análises espectrais e amostras de meteoritos. Além disso, os constituintes da matéria possuem a característica da gravitação; i.e., vontade de coesão de todos os átomos. Ambos os fenómenos apontam para uma origem comum. –

Pense num balão para crianças, cheio de ar, num espaço bidimensional: foi da mesma forma que uma quantidade de matéria, incluindo o nosso espaço finito, se inchou com energia limitada. («A propósito, inchado estou

mas é eu —» disse um dos soldados, e eu anuí, danado; tens razão, meu filho, tens razão! Anne soltou um riso de ferro). É possível que os movimentos centrífugos das nebulosas extragalácticas sejam um indício desta antiga expansão do nosso «universo»; talvez se deva associar de algum modo a velocidade da luz a essa força expansiva. (As leis da radiação e da propagação: luz, som — e as leis da contracção: gravidade — são ambas reguladas pelo quadrado da distância). Mas a membrana de borracha tende a contrair-se: a gravitação é esta «tensão de superfície» do universo, o imperativo de coesão de todo o universo material, a prova da inevitável contracção. A «esfera final», homogénea e isenta de gravidade, em que as transformações físicas e químicas já não se produzem e que portanto é também isenta de causalidade e de qualidade, desaparecerá para seres com as nossas capacidades mentais, e com ela também o espaço tridimensional contraído, tal como o nosso tempo. —»

O padre tinha escutado compassivo e disperso, mas não se coibiu de perguntar, espantado e infantil: «Porquê? — Desaparecer —», desconcertado, sacudindo a cabeça oca e estofada. O velho estava agora alerta como um cão de caça; esta parte entendeu-a: pelos vistos, tinha o seu Schopenhauer mais ou menos estudado; anuiu, curioso, e murmurou algo de atinente, partindo do princípio de razão. No céu iam surgindo pedaços de azul; vinha aí frio. E a miudinha doente já não reconhecia ninguém e dava socos no deus da febre (com cara de raposa; e com um punhado de setas vermelhas sobre o peito; veja-se Weilaghiri). Temo que daqui a nada lá estará ele outra vez a dar graças àquele lá do cimo.

Já não me lavo como deve ser faz 8 dias; todos temos um ar acastanhado e enxuto (como o avô de Kügelgen).

*Escutem, escutem*

Um soldado falava com os miúdos da Juventude Hitleriana (e as moças da Liga das Raparigas Alemãs assentiam, persuadidas): «Isto não fica por aqui; vamos ganhar. O Führer está a seguir uma táctica muito concreta; primeiro atrai todos para cá, e depois vêm as armas secretas.» «Goebbels disse, literalmente», respondeu um dos rapazes, «quando vi o efeito das novas armas, o meu coração até parou. E daqui a três anos vai estar tudo reconstruído – mais bonito ainda. O Führer tem os planos todos prontinhos na gaveta da secretária.» E por aí fora. E os olhos deles brilhavam como as janelas de um manicómio em chamas. O melhor, a meu ver, seria que a humanidade acabasse; tenho a esperança fundada de que nos próximos – vá – 500 a 800 anos terá desaparecido por completo; e ainda bem.

O sol surgiu por um momento entre nuvens tímidas. Acocorei-me junto a um toco; lá em baixo, Anne estava encostada ao carro vermelho, em plena luz. A cabeça descaiu-me para o peito, adormeci. Era uma estação ampla e cheia de gente pelas escadas e pelos átrios; e logo dei por mim aos gritos: «Eles vêm aí! Baixem-se!»

Dez mil caras de sonhos empalideceram, encostaram-se a todas as paredes, eu atirei-me para junto da escadaria de pedra. Lá no cimo, no ar límpido, loopavam os três aviões; distinguiam-se claramente os canhões de uma polegada que se assomavam por debaixo das asas. Anne tinha ficado separada de mim, uma torrente de figuras arrastava-se pelo espaço entre nós; ergui a cabeça, chamando por ela, quando as pedras se puseram a fremir e a ranger. Labaredas verdes do comprimento dum braço levantavam-se, finas, vindas do chão, arrancavam pedaços de terra grandes como mesas, estilhaços uivavam, gente a sangrar. Voavam em carrossel, disparando, safanões e contra-safanões; através de

locomotivas; abriam buracos do tamanho de punhos nos muros das casas; a copa duma árvore tombou, desfazendo-se (Nossa Senhora com máscara de gás, tema para mestres antigos) – aí: retirada! Corri para trás, em direcção ao nosso carro (que, subitamente, se tinha transformado numa caruagem de passageiros), gritei desesperado: «Anne! Anne!», mas eis que ela surgiu à janela. Lentamente, subi pelo estribo, cansado, envolto no meu sobretudo militar velho e sujo, exausto; lancei a mão à janela aberta e olhei para cima, para a cara dela, olhei e olhei. Silêncio brilhante e felicidade. A boca dela quis-se encrespar, gozona e formosa, espanto e ternura alegre, estranheza e afecto. Sacou uma mão do bolso e fê-la deslizar pela minha testa, pelo cabelo. A cara dela iluminou-se com o meu olhar; reflectia e magicava. Disse: «Tanta porcaria e miséria ao longo destes anos –.» Silêncio de carícias. Melancólico e matreiro, dobrou-se-lhe o vermelho dos lábios, sorrisos e palavras perigosas e promissoras: «Já cá fazia falta um anjo da guarda, não é? –» Estremeci; acordei; sol dourado e sombras azuis manchavam tudo em meu redor. Anne estava à minha frente, olhou para mim, curiosa, e perguntou: «O que é que se passa? Você pôs-se para aí a chamar por mim, tão efusivo e carinhoso.» Fez uma pausa muito curta e disse, irónica e sábia: «A sonhar, hein?!» Arqueei as sobrancelhas: relatei; palavra por palavra. Ela escutou, de ouvido inclinado e trocista. «É então – c'est tout?» – perguntou e fez-se desiludida: «– não tem nada de excitante, na verdade. Em geral, os soldados deveriam ser mais agressivos –». Desafiante. Anuí, cavalheiresco, e disse: «Bem sei, não mudei muito. Mas você também não.» Primeiro a rir, depois a assobiar, voltou-me as costas («Menina, hoje não pode ficar sozinha...»), parou, voltou atrás e perguntou: «Isso acontece-lhe com frequência: sonhar comigo –?» Não

hesitei um segundo em comprometer-me: «Sim.» Fez um gesto com a cabeça em sinal de aprovação e disse por cima do ombro: «Você é que mudou um bocado. Antes só olhava para mim, especado, de olhos abertos que nem ovos estrelados – pois bem». Foi patinhando, lá para baixo em direcção à mãe. A criança doente estava a morrer; Och orro orro ollalu.

#### *14,13*

Sulcos turvos surgiram no céu, no início finos como névoa, lá no alto, por cima da neve oca e azulada; a oeste, o vento levanta-se em farrapos; o mundo afundou-se numa rouquidão cinzenta: começou a cair neve. Pesada e horrível.

#### *Lá em baixo, no vago*

Tudo ao molho, acorocado e ansioso; a rapar frio, a tossir, a passar fome. E sede. Não tarda muito, devemos poder retomar a marcha.

#### *16,10*

A neve, a neve; durante horas. Anne tinha as mãos enfiadas nos bolsos e estava sentada, imóvel. O velho pigarreou. Uma vez mais. (Estava com um ar bastante sujo e branco, e magro.) Olhou para mim, contido, e perguntou: «Você há pouco disse que este universo estava a contrair-se e que anteriormente tinha sido ‘inchado’. Pode avançar uma hipótese que explique esse palpitar?» Encolheu e enrugou a cara, fazendo um esforço para escutar. A Juventude Hitleriana comparava os lança-granadas (para horror da velhota camponesa): «... portanto, é furo com furo; enroscar...», brincavam excitados, autênticos filhos de Leviatã. (Tu és o meu querido filho...); ferro maligno e fogo letal; ai, que bem-criados. Lembrei-me dos cartazes de propaganda, completamente dementes, do governador Hanke, em Breslávia; apelando à juventude com a crepitante eloquência da loucura: Acarretar neve para dentro dos rios e

arroios, até que estes crescessem de forma a travar o avanço dos inimigos (literalmente! Foi assim que eu próprio o li a 8/2/45 na montra da loja do comerciante Schneider, Am Graben, em Greiffenberg!) Correntes ondeantes e escamosas, indignadas como vermes; belo. E ele a exigir dos velhos decrépitos que se introduzissem sorrateiramente nas povoações ocupadas pelo inimigo, a meio da noite, munidos de tochas, para pegar fogo a tudo, seguindo a lógica do sarcasmo: já que vão morrer em breve, ao menos dêem o que resta dos vossos dias ao Führer! – Estou plenamente convencido de que, com essa loucura gritante e essa avidez pela destruição (e não nos esqueçamos dos prazeres de Eróstrato) hão-de deixar a Alemanha ser arrasada, até que o último canil seja reduzido a cinzas e escombros. Como disse: Manias de anabaptista. Outra vestimenta, um cenário maior. E o velho há-de ter a sua resposta. Aclarei a voz à força de bramidos; disse, áspero: «Há-de ter aprendido com o seu Schopenhauer que o mundo é vontade e representação; ele contenta-se com este conhecimento; e acaba por não dar o último passo; contudo, no final, as duas componentes unir-se-ão, criando um ser de uma inteligência e poderes terríveis.» O padre levantou a cabeça, sorrindo de santa felicidade: «Deus», disse, anuindo e tranquilo, «a sua existência é incontornável –.» Eu nem sequer desviei o olhar; disse: «O demónio. Ora mostra o seu próprio ser, ora se manifesta numa fragmentação universal. Actualmente já não existe como indivíduo, mas como universo. Porém, deixou impregnada em tudo a ordem de retorno; a gravitação é a prova disso mesmo no que toca à corporalidade. (Os 80 aglomerados globulares que se encontram muito além do nível galáctico, não serão prelúdio e exemplo? Talvez possam ser absorvidos gradualmente pelas nebulosas maiores, mas como um todo;

porque a sua contracção deveria ocorrer a uma velocidade bastante maior); no que toca ao espírito, são indícios dessa força: o facto de existir uma consciência de espécie (o sonho de voar, comum a todos etc.; a concepção espaço-temporal que, como se pode comprovar, é idêntica em todos os seres vivos: origem comum), a falta de liberdade de acção (sábio Schopenhauer! Com todas as consequências: a possibilidade de aceder ao futuro, por exemplo através de sonhos – J. W. Dunne. – Magia), na morte, a dissolução do ser individual. (Desejamos a nossa perpetuação enquanto indivíduos, e este é o lema das religiões – cristãos, maometanos – e, por isso, têm seguidores; uma doutrina – voltamos a Schopenhauer – que torne provável a dissolução do indivíduo numa «vontade universal» nunca poderá aspirar a tornar-se popular ou amada, nem sequer por aqueles que a consideram verdadeira; tem sempre algo de medúscico). A acumulação de inteligência em porções cada vez maiores – veja-se a paleontologia – aponta para esta reconstituição do demónio desde um ponto de vista espiritual (a possibilidade de existências «sobre-humanas»: magos, espíritos elementais – oh, Hoffmann – e voltamos aos 80 aglomerados globulares).

Para avaliarmos a essência do dito demónio, devemos olhar em nosso redor e para dentro de nós. Nós próprios fazemos parte dele: portanto, que espécie de Satanás não será Ele?! E achar que o mundo é muito bonito e bem apetrechado, só lembra ao Senhor von Leibniz («von» e veja-se a este respeito as anotações de Klopstock na *República dos Sábios*), que não se farta de admirar a sábia inclinação do eixo terrestre, ou então Matthias Claudius, que era capaz de andar o dia inteiro às cambalhotas e aos gritos de tanta alegria cristã, ele e outros helvéticos espiritualistas. Este mundo é algo que mais valeria não ser; quem diz o contrá-

rio, mente! Basta pensar nos mecanismos do mundo: gula e volúpia. Usura e asfixia. De quando em vez, um sentido formal puro: cristais, os quadros de radiolários de Haeckel (Boelsche ainda matutou que teria de haver na natureza mais algum princípio formal até à data desconhecido, ah, ah); ao fim e ao cabo, estamos apenas perante o problema técnico da suspensão em água salgada, para o qual rapidamente se encontraria a abordagem mais adequada através dum processo de selecção. Por outro lado: salamandras, serpentes, aranhas, morcegos, peixes de grandes profundezas, a migração de salmões e enguias. Também Cesare Borgia era um grande entendido de arte. É certo que o nosso conhecimento é limitado no espaço e no tempo. Porém, mantém-se o Leviatã que ora concentra a sua maldade, ora quer desfrutar dela na sua máxima diversidade e amplitude. –

Isto à parte, nada existe que nos leve a crer que o nosso Leviatã seja único na sua espécie. Pode até haver muitos seres da sua dimensão e entre eles haverá bons, brancos, angélicos. A nós, infelizmente, calhou-nos um diabo. Si monumentum quaeris, circumpice (é o que está escrito no túmulo de Sir Christopher).»

### *Crepúsculo, crepúsculo*

A neve precipita-se, silenciosa; junto à fenda da porta; milhares de milhões de seres cristalinos, nascidos no ar, periclitados na água. (Que flocos formará o ferro quando, vindo da atmosfera solar, cai de chapa no furioso corpo incandescente: dragontinos, rígidos como espinhas. – Ou ouro –). – Lá da frente, da locomotiva, veio o grito áspero (mas pequenino) do fogueiro: «Atenção! Está a andar!» Jactos de vapor jorraram em espasmos; tudo aos abanões e a bater. Uma nesga ínfima. Uma hesitação. E em seguida irrompeu atrás de nós um barulho infernal. Um estalido e

um estoiro. Mais um metro, se tanto. E de novo um rasgar e um ladrido como de lenha a estalar. Saltei em direcção da porta, meti-me pela abertura, apanhei Anne atrás de mim (uma rapariga intrépida envolta em peles), já lá vinha o maquinista, e nós a rogar pragas ao vermos as correntes rotas (por alguma bala?) e o arrebenta-travessas – well: a cumprir o seu serviço. – Agachámo-nos entre os tampões de choque, chamámos pelos outros e voltámos a tentar desatrelar o carro, bracejando, inclinando, alavancando. Mais uma vez. Mas era em vâo; ferrugem ferrada em ferrugem; rasgámos as mãos desprotegidas. E o tempo apertava. Tínhamos de aproveitar os poucos minutos em que o vapor tinha pressão suficiente. E assim subimos silenciosos e molhados ao casebre rolante e (não é que o maluco do cão voltou a assobiar!) partimos. Rumo ao cinzento, com arrebenta-travessas obrigatório. Heil Hitler. O empregado dos correios subitamente assanhou-se, descomedido; brandiu um punho contra a juventude esperançosa e gritou (mais alto que a cadência satânica atrás de nós): «Será que não têm vergonha de levarem esse uniforme maldito?! Será que não ouvem?! Oh, desgraçados, desgraçados!!» Levantou-se o futuro da Alemanha; perguntaram surpreendidos e venenosos: «Mas porquê? É bestial! Assim, os russos pelo menos não podem avançar!» – Um deles, o mais velho, disse calmo e ameaçador: «Ponha-se a pau. Olhe que ainda há muito espaço nos campos de concentração». E o outro (infantil e zeloso – ou seria apenas uma espécie de jogo moderno? Afinal era só questão de carregar num botãozinho sereno – ): «Espeta mas é um balázio nesse traidor duma figa!» Lá fora, ao longo de casas solitárias, o ruído horroroso crescia numa loucura desenfreada. Uma fila de choupos cruzava o nosso caminho. Estrelas. A neve tinha desaparecido do ar. Rodar,

estilhaçar. Roda, roda – ho: a abrandar. Ainda estrangulou devagarinho mais uma travessa. Hesitante, gozador: mais uma. – Mais – uma – – mais. Estávamos parados. Saquei da pistola; estava furioso e frio; soltei um grito no silêncio que, de repente, zumbia: «Quem voltar a falar em fuzilamentos, leva com uma bala na barriga! Não nos basta a miséria que temos aqui no vagão –?» Ao mesmo tempo sentia fome e sede (que até então, de alguma forma, tinha conseguido ignorar); abri a porta com um encontrão e saltei para fora: Chiça: até aos joelhos! Tinha caído muita neve. E Moys; colada por trás do edifício da estação. Mais à frente a linha bifurcava-se em direcção a Kohlfurt, Penzig. Comi duas mãos cheias de neve, a tremer. E tinha arrefecido. Lá do cimo, do quadrado negro, uma voz tranquila, meio quebradiça, perguntou: «Então? O que é que há? →» Ó estrela binária. Respondi: «Diante de nós há fogo intenso –.» «Nós –», repetiu, com uma lentidão refinada e saltou para os meus braços sem tirar as mãos dos bolsos. Soltei um riso agudo; lancei a cabeça para trás: «Sim. Nós!» disse furioso e aceso – quando o fogueiro chamou. –

*19,30*

Duma serra longínqua subiam, silenciosos, os fios de pérolas vermelhas dum flak de quatro canhões. O frio tornava-se cada vez mais rigoroso; ainda assim voltou a cair um nevão, finíssimo e duro.

*De noite no vagão*

Os camponeses já se puseram a milhas, desesperados. A neve endurecida deixou o estômago praticamente anestesiado; foi uma estupidez, claro. O velho parece estar a sofrer seriamente; não deve ter vivido nada assim em toda a vida; um dos soldados deu-lhe uma golada de aguardente – depois beberam o resto com a tipa; sentados e na galhofa. A juventude ansiosa por aprender celebra as vul-

garidades com grunhidos pelo nariz. Há pouco, quando o padre, com a imperturbável vaidade dos beatos, quis dar o exemplo e se pôs a rezar em voz alta, por fim levou um raspanete: o soldado da testa vendada lançou um grunhido ameaçador: «Vê lá se te deixas de tretas →», e também o velhote descolou a cabeça do peito; disse contundente: «Você pode rezar à vontade, aquilo que quiser, mas em silêncio, e deixe-nos a nós em paz – impertinente →», murmurou, repugnado. Quando o desavergonhado voltou – se bem que mais baixo – a dirigir preces e promessas às suas fanáticas divindades (veja-se Libânio, Apologia dos Templos. – Para esclarecer isto de uma vez por todas: a belíssima, se bem que pouco original máxima do «amai-vos uns aos outros!», enquanto prática viva e eficaz, sempre mereceu e obviamente sempre merecerá a aprovação e o apoio de qualquer pessoa honesta. Nunca as vãs ambições epistemológicas da cartilha dos cristãos; nunca o aparelho de poder perfeitamente arbitrário da Igreja e os vários séculos de um terrorismo espiritual horroroso e sem precedentes. Porque na verdade o campo de concentração não foi invenção, nem de Estaline, nem de Hitler, nem da Guerra dos Boéres, mas nasceu no ventre da Santa Inquisição; e a primeira descrição fiel feita no Ocidente de um exemplar campo de concentração devêmo-la à cristianíssima fantasia pervertida de Dante – por favor, não falta lá nada: os poços de excrementos, as torturas de água gelada, a cadência dos estalos na eterna marcha dos açoitados; para os cépticos existem caixões de fogo e os curiosos em demasia – Ulisses – são majestosamente fulminados: – porque «esses acabam por ser os argumentos mais robustos dos senhores teólogos; e desde que lhos roubaram, as coisas começaram a andar para trás que não é brincadeira!» Não venha daí exigir tolerância quem nunca

a exerceu durante os 1500 anos que «esteve no poder»! Écrasez l'infâme!) envolveu-me numa conversa acerca das fontes históricas às quais fui buscar algumas das minhas opiniões. Juntei com algum esforço aquilo que desse género jazia ainda nas ruínas do meu saber (vieram-me à memória imagens de Piranesi: ruínas romanas ao entardecer, sob luzes claras e ventosas. Arvorezitas de membros delgados. Um camponês de chapéu pontiagudo e mímica dura, picando um asno carregado de odres de vinho. Frescura e jovialidade, ouro do final da tarde, aurum potabile. A natureza – i.e., Leviatã – não nos indica plenitude alguma; carece sempre duma correcção feita por espíritos bons. – Cf. a definição da essência da poesia proposta por Poe. Infelizmente, esses espíritos são uma minoria e cada vez há menos.) Inteiriçado e exausto – oh, o frio, o frio – mencionei a palavra emanação; e também: gnósticos e cabalistas (Deus obscurecido; mundo = modificatio essentiae divinae = Deus expansus et manifestatus. Doutrina do mundo contracto et expanso; o Deus rotativo de Oken), Pseudo-Dionísio, João Escoto Erígena, David de Dinant. Pausa: os soldados bêbedos socavam o ar; arfavam, atiraram-se sobre a rameira, aos ladridos. – Levantei a voz, cheio de pudor (para que Anne não ouvisse nada – ah, mas ela ouvia com certeza!), mencionei o venerável nome de Giordano Bruno (spatio extramundano), Espinosa, Goethe, Schelling, Poe, Hermes Trismegisto (heureca), os novos matemáticos e astrónomos, até que o velho, com a sua boca de espinheiro-alvar, se riu, espantado e adoentadamente alegre (aparentemente, sentia-se confortado, sabendo-se acompanhado por tantas autoridades; por tanto resguardo). Por mim, pode acrescentar-se até a piada astrofísica de Nietzsche sobre o eterno retorno: que simplório que ele era às vezes! (Que o seu Leviatã

do poder fosse limitado e «por conseguinte» – não será uma justificação exacta tão boa quanto uma de Aristóteles?! – ele próprio fosse, necessariamente, mortal, nunca sequer lhe terá passado pela cabeça). – As religiões com as suas «criações» e «deuses incarnados» (apesar de, no fim, todas cometerem o erro de concederem ao seu deus a imutabilidade ao longo dos tempos). Venerável budismo (quem considere K. E. Neumann demasiado complexo que tente a sua sorte com o peregrino Kamanita); os politeísmos dos antigos (esses ainda sabiam que o velho Pá estava sujeito a morrer!), os «deuses despedaçados»; Orfeu, Tamuz, Lino, Adonai. Espíritos elementais. – Silêncio. Choro vindo da esquina do padre; A Juventude Hitleriana grasna um «cântico de guerra» (cá em cima dão-se ares de heróis puros, mas os alicerces estão imersos num pântano de sangue de 20 milhões de seres diabolicamente massacrados. Ainda este mês vi em Pirna um campo de concentração a marchar: mulheres judias com os seus filhos, todos chupadinhos, com olhos desorbitados, enormes e escuros, e ao lado deles os carrascos da SS de bochechas rosadas e casacos verde-cinza, pesados, montados a cavalo, a rogar pragas, ai de quem!) – O velho chegou-se à frente; perguntou, estrídulo: «Como? O Leviatã também morre?! –» Mas eu já não ouvia nada. Estava arreganhado e cheio de sono.

(Uma vez, muito ao longe, um rolar pesado como de um terramoto. Prolongado. Como um ataque aéreo gigantesco. Dresden? Deus passeando sobre tapetes de bombas.)

*Por volta da meia-noite surgiu um pedaço de lua no céu*

A cara dela ficou logo cinzento-clara e rígida. – A neve aproximava-se numa cadência de berros; alguém bateu à porta; o fogareiro; «Todos para fora! Toca a pegar nas pás!» Estiquei-me de pernas tesas, empurrei um pouco de

palha para o pé dela e saltei pela porta para a superfície de prata ao lado: ali estavam todos a gemer na noite gelada. Os carris a espaços piscavam a azul; geada pendia das alavancas das agulhas. Espetámos as pás e cavámos à volta das rodas, os olhares perdidos em nuvens de madreperola, letras de imprensa desenhavam-se na sombra da cabine de sinalização.

O gelo, o gelo. Com mãos de mármore escavácamos o ferro brilhante. Pó de neve pungente rodopiava diante do nariz e da boca. Olharia para ela por pálpebras prateadas. O velho agarrou-se-me ao ombro; arrastei-nos para dentro do vagão.

*Tarde. Tarde*

A lua encandeia pelo corredor de choupos. Vozes conferenciavam lá em baixo. Encostei a cara de chapa na fenda, silencioso. Os rapazes apoiavam-se nos lança-granadas, um deles disse: «Se dispararmos os dois ao mesmo tempo, a carroça vai toda pelos ares, juntamente com os traidores e pacifistas —» (Pacifistas, não há insulto maior aos olhos deles, e o povo ainda lhes responde com «Heil!».) Num ápice, puxei da pistola, destravei-a e encostei-a no batente da porta. O outro meditava; em seguida disse (oh, poder de introspecção, quanto juízo: mas que maturidade!) «Olha que ainda estão lá dentro os outros dois soldados, e também o ferido.» Pausa. «Mas ao menos temos que pregar um susto àqueles cotas», decidiu o primeiro, «Olha: mandamos dois balázios contra a estação! Vais ver como se mijam todos!» Já estava o outro a rir-se ao desbarato, assentindo divertido. Abrigaram-se; levantaram os canos, puxaram o gatilho. O estrondo e o golpe foram potentes. Puseram os aparelhos aos ombros, todos vaidosos, e afastaram-se de passo aberto. Os vencedores. (Uma pedra da fachada amolgou as pranchas

dum dos vagões ao ruir. No espaço exíguo ficámos meio surdos).

*6,18*

Acabou tudo. –

Pusemo-nos em marcha, umas centenas de metros apenas, e já estávamos no viaduto. O som ribombava. Felizmente íamos a passo. Lá no alto sobre o rio. Subitamente o vagão foi arrastado para a frente. Parou novamente. A parede da frente rebentou. Tudo se passou num instante. Saímos a correr, cautelosos: à nossa frente faltava o arco da ponte; a locomotiva pendia, oblíqua, sobre o abismo (e atrás de nós o arrebenta-travessas devorou tudo!!), da caldeira rebentada saltou uma labareda de fogo, e de imediato começaram a cantar granadas pelos ares (que belo alvo, não?!). Aos apalhões (e aos berros pela escuridão ululante) correram para trás, pelo gigante sem parapeito. (Um deles deve ter caído, pois um uivo voou para baixo como uma flecha.) Ali: uma torre dentada de fogo rugia da outra ponta. Nós (Anne e eu. Nós.) rastejámos silenciosos (com o coração aos saltos) até ao vagão. Os demónios do ferro gritavam e gozizavam à nossa volta, por cima de nós, por baixo de nós. Por várias vezes se repetiram os impactos, lá atrás, e uma vez abanou tudo como se desabasse um monte (e a efervescência de águas gorgolejantes).

*07,00*

Nevoeiro gelado eleva-se, alto como um precipício. (Hel, o inferno aquático.) Ainda não clareia.

*07,10*

Andei lá fora, aos tropeções. Apoiado em blocos de pedra no fumo gelado. Oito minúsculos passos atrás do arrebenta-travessas, bocejava, imóvel, o atoleiro de névoa. Peguei em duas pedras da cama de gravilha e atirei uma por cima do rebordo: nem um soluço, tudo permane-

ceu em silêncio e fora de vista. Lancei a outra, de punho pétreo; voou fosca para a outra margem. Escutar. Nada. Anuí sem razão e envolto em mistério. Bem, bem. Voltei atrás; subi ao vagão desfeito; disse a Anne: «Desabou lá atrás, também. Estamos sozinhos; no meio e a alguma altura por cima do rio.» Soprou contrariada pelo nariz; com o pé apontou para a frente: «Está a morrer —» disse ela, franzindo a testa. Adentrei-me, de passo aberto, no alvor cinzento; o velho estava sentado, teso e encostado à parede de tábuas, a respiração crepitante; olhei à volta: não havia mais ninguém no vagão. Tirei a mão direita do bolso e poisei-a no seu ombro fino; os olhos abriram-se: ainda estavam lúcidos. Olhou-me com firmeza; a boca cinzenta entreabriu-se um pouco, com esforço, as sobrancelhas resistiam: «O Leviatã —» rouquejou, levantando (gozão, troçando de si mesmo) um cantinho da boca: « — não eterno —?» Anne tinha-se chegado ao pé de mim; o meu sobretudo sentiu a manga de peles do dela. Senti-me magro e oco, secular (como Harry Haller), respondi ao valente: «O seu poder é enorme, mas limitado. Daí a duração da vida dele.» Aguardei: os olhos dele fecharam-se com esforço e gratidão: tinha compreendido. Eu disse, apressado: «Buda. Ensina um método de fuga. Schopenhauer: negação da vontade. Ambos afirmam, portanto, a possibilidade de contrapor a vontade individual à terrível vontade total do Leviatã, algo que, tendo em conta as diferenças entre estas grandezas, se afigura, de momento, completamente impossível, pelo menos ao «nível humano» dos seres dotados de espírito. Talvez a besta se dissolva em «diádocos» (presságio cristão na rebelião de Lúcifer; ao contrário, Jane Leade pretende unir-se com muitos dos bons, de forma a exercer um poder mágico e renovar, assim, a natureza de forma para-

disíaca – sendo um dos objectivos: a revolta dos bons), e estes, por sua vez, em unidades cada vez mais pequenas, até que finalmente se torne possível o «budismo» e a formação se anule por completo. – Talvez haja ainda outros caminhos –». Olhou-me martirizado, primeiro, depois pensou; os olhos ficaram corujentos, fumegantes, ah: uma chispa. Sussurrou: «Bem.» – A cabeça alta tombou-lhe para a frente; completamente calmo, amplo, escutámos: «Bem...» – E então levantei-me.

*08,20*

Coramos à luz. Oh, *greasy Joan*.

*Fim*

Atravessaremos a soleira da porta vermelho-grosseira, coberta de geadas. Envoltos em véus dourados o sol diabólico de Inverno espreitará, branco-rosado e frio como uma bola. Ela esticará o queixo e aguçará os lábios à garoto malandro, levantando as ancas para tomar balanço. Abraçá-la-ei, inteiriçado.

Então lanço o caderno para a frente: voa. Farrapos.

*Na palavra abysmo, é a forma do y  
que lhe dá profundidade, escuridão, mistério...  
Escrevê-la com i latino é fechar a boca do abysmo,  
é transformá-lo numa superfície banal.*

**Teixeira de Pascoaes**

#### **Agradecimentos**

Arno Schmidt Stiftung  
Fundação Museu Nacional Ferroviário  
Associação Portuguesa dos Amigos dos Caminhos-de-Ferro  
Nuno Pimentel  
Susanne Fischer  
Carlota Simões  
Joana Bértholo  
Douglas Pompeu  
Nuno Carrilho  
Klaus Christian Kasper

Edição #64

Lisboa, Outubro 2017

*Tradução e prefácio* Mário Gomes

*Foto da capa* Flávio Andrade

*Revisão e notas:* Francisco Gomes

*Composto em caracteres* Electra LT Display sobre Coral Book Ivory 90 gr.

*Composição* Undo

*Impressão e acabamento* Cafilesa

*Depósito Legal* ???

ISBN 978-989-8688-56-9

A tradução desta obra teve o apoio de um subsídio do Goethe-Institut,  
que é financiado pelo Ministério Alemão dos Negócios Estrangeiros.



#### **abysmo**

Rua da Horta Seca, 40, r/ch

1200-221 Lisboa

[www.abysmo.pt](http://www.abysmo.pt)

ab, smo



ISBN 978-989-8688-56-9



9 789898 688569